

No início para muitos, pareceu um raio de céu azul aquelas milhões de pessoas nas ruas, erguendo cartazes e enfrentando a repressão policial e ocupando os centros simbólicos de suas cidades, inclusive o congresso nacional. Afinal, o país estava indo no contexto de crescimento econômico, com desemprego baixo, inflação em controle e a popularidade da presidente em alta. Passados cinco anos, já não é difícil entender as causas dos protestos, nem a sua legitimidade. Já não importa tanto o junho enquanto passado, o que importa é pensar nas lições que podemos tirar do sentido geral desse acontecimento, a emergência da sociedade civil como agente político relevante, capaz de desestabilizar governos, estabelecer pautas sociais e institucionais, impor sua interpretação da realidade e abrir caminhos para mais ou menos democracia. Junho inaugurou uma cultura social do engajamento, mas a participação social corta para os dois lados, ela não é menos engajada quando deixa de corresponder a determinada perspectiva política e ideológica, o MBL não é menos junho que o MPL. O escola sem partido não é menos junho que os estudantes secundaristas que ocuparam as escolas públicas do país. A organização da direita conservadora não é menos junho do que a primavera feminista. E seu sentido intenso de ataque civil contra o sistema político, junho foi percebido como revolucionário e seu sentido extenso enquanto mês que não terminou, junho teve um dever conservador.

O MÊS QUE NAO TERMINOU

PARTE1- O CÉU NUNCA FOI AZUL

Durante os anos do Lulismo, assistia-se com perplexidade renovada as alianças do partido dos trabalhadores com personagens notoriamente corruptas ou regressivas do sistema político nacional. De José Sarney a Renan Calheiros, de Severino Cavalcanti a Eduardo Cunha, passando por Paulo Maluf, a conciliação do inconciliável desenhava uma lógica fartamente descrita, a estratégia percebida pelo PT como única factível naquelas condições de dirigir os grupos conservadores em vez de confrontá-los. O filósofo Marcos Nobre nomeou de pmdebismo essa força conservadora e fisiológica que se instalou a larga no parlamento e funcionou como fiel da balança a partir do começo da redemocratização.

Esse movimento de globalização do neoliberalismo da década de 90 era um movimento que exigia que todos os países fossem para o centro, o centro definido como você não desafia certos princípios de política econômica que são impostas a todos os países, você não desafia isso. E daí você estabelece a partir daí, como se fosse a ponta seca de um compasso, aí você faz um giro, você diz, olha, até aqui você pode ir, essa é a tua margem de manobra. Então assim, se você for muito esquerda ou muito de direita, você está fora do jogo, você nunca vai conseguir o poder, é essa a ideia.

Tanto Fernando Henrique Cardoso, quanto o Lula, foram capazes de no máximo dar algum sentido ao país sem entrar em choque com o pmdebismo. O governo Lula realizou transformações importantes a custa da manutenção e até do

aprofundamento dessa lógica. Essa seria uma das contradições que levariam ao fim da paz lulista em junho de 2013. Não faltaram bases materiais para os protestos, os anos do espetáculo do crescimento já começavam a se distanciar no retrovisor, o período do milagrinho econômico baseado no aumento real do salário mínimo, bolsa família, crédito consignado, investimentos públicos, começara a dar sinais de cansaço. Instaurou-se, então um debate sobre que rumo dar à economia a fim de manter o ciclo do crescimento.

Enquanto o cenário externo ajudou, a gente não enfrentou grandes restrições. Você tinha um boom nos preços de petróleo, de minérios de ferro, que facilitava, aliviava, tanto as contas públicas quanto a situação externa do país. E aí você pôde fazer esse crescimento do mercado interno dessa maneira, que funcionou. Mas havia uma preocupação de que isso não poderia continuar para sempre, que para isso você precisaria desenvolver setores, tecnologias, coisas que a gente pudesse ter potencial de exportar, etc. A partir desse entendimento, acaba ganhando no debate a ideia de que para resolver o problema da indústria você precisava fazer uma série de políticas que reduzissem custo para esse setor industrial, e ao mesmo tempo desse maior capacidade de concorrência com empresas estrangeiras que estavam invadindo o nosso mercado, empresas chinesas, asiáticas, etc, mas também para a gente ter maior capacidade de concorrência nos mercados lá fora.

Impos-se então uma mudança de rota, seu sentido não foi determinado apenas pelo governo, a nova agenda econômica foi referendada por associações patronais que posteriormente, constatado o fracasso, não só lavariam as mãos, como empurrariam toda a conta do equívoco ao governo, com o intuito de ajudar a derrubá-lo.

Que políticas eram essas? Em vez de continuar com o processo de expansão do investimento público, se adotou uma agenda, que eu chamo de agenda Fiesp, um pouco por que ela está quase que inteirinha delineada numas propostas que saíram de um seminário em 2011, em que participou a Fiesp e outras associações patronais e até centrais sindicais, que listavam coisas do tipo: desonerações da folha de pagamento, então a redução de imposto basicamente para garantir a lucratividade maior para o setor empresarial, alta do dólar como uma política para também encarecer produtos importados, redução da taxa de juros para reduzir o custo de financiamento da indústria, controle de tarifa de energia elétrica para reduzir o custo com energia nesses setores industriais. E a Dilma... o governo na verdade vai adotando esse conjunto de medidas que os economistas liberais chamam de nova matriz econômica. E essas medidas na verdade não surtem efeito.

Para o economista Marcos Lisboa, a mudança de rota da política econômica é anterior. Remonta a 2008 e é marcada por uma intervenção excessiva e equivocada do estado na economia.

Teve uma inflexão na política econômica, sobretudo, a partir de meados de 2008. Uma combinação do mundo em dificuldades com um Brasil que achou que estava rico e que agora ia ficar gigante, e aí iniciaram-se os projetos faraônicos que vieram a fracassar, cinco, sete, nove anos depois. Todos os desastres que o Brasil contratou na última década, grande parte deles, começou exatamente naquele período, o reforço do monopólio da Petrobrás, os projetos como Inside Brasil, a disseminação do crédito subsidiado pelo BNDES, as regras de conteúdo nacional. É difícil imaginar uma agenda que tenha fracassado mais como aquela que começou naquele período.

Mas é preciso olhar para junho dentro do contexto global de revolta acumulada contra a tendência financista das democracias liberais movidas a uma privatização da vida que comprimia cada vez mais o espaço do comum. Sistemas políticos e a elite financeira se apoderaram do jogo democrático, ignorando os interesses dos demais 99% das populações. Considerados sob essa perspectiva global, junho foi em parte consequência da grande crise do capitalismo em 2008, mais precisamente da falta de resposta dos governos a ela. Como observou o Filósofo Rodrigo Nunes, o que era para ter sido o colapso do capitalismo desregulado, virou pelo contrário, uma oportunidade para implementação de políticas austeritárias. Os bancos foram resgatados e suas dívidas socializadas, isso expôs o quanto a política representativa, a direita e a esquerda, fora capturada por interesses corporativos e financeiros.

Esse neoliberalismo intriunfante alí dos anos 90 e dos anos 2000, ele prometia o paraíso, e daí quando noo veio o paraíso e veio a crise, isso é um impasse, ou seja, a maneira de exercer a democracia, a maneira de representar a sociedade, ela desabou.

A crise individou largos setores de populações de muitos países e inverteu o sentido de prosperidade material experimentada nas últimas décadas, desde a América Latina, até o antigo bloco soviético. Revoltas como as de junho no Brasil, o Occupy, Wall Street em Nova Iorque, os indignados em Madrid, anunciaram o fim do período da chamada Grande moderação, um composto de neoliberalismo e democracia que vigorou nos países ocidentais desde os anos 90.

Esse ciclo de revolta democrática que vai desde 2011 até 2013, elas têm uma característica comum todas essas revoltas. Quer dizer, olha, essa maneira de funcionar da democracia, ela não mais nos representa, claro que isso está ligado também, não só ao declínio então daquela ordem mundial que existia antes de 89, mas também a esse fato extraordinário que é a internet, que muda completamente a relação das pessoas com o cotidiano, a relação das pessoas com a política e a relação das pessoas com a vida.

-E o poder do povo para fazer um mundo novo...

No Brasil, os protestos se voltaram contra um sistema institucional blindado que asfixiava a participação política, reduzindo ao mínimo sua intensidade. Essa espécie de cidadania afastada se traduzia na péssima qualidade dos serviços públicos, inclusão social não precisa necessariamente se dar por meio de distribuição de renda, melhorar os serviços públicos também é uma forma de combater as desigualdades.

Aquela manifestação, aquele movimento grande, ele é um sinal de um desconforto, de um limite que lá em 2006 tinha chamado de contrato social da redemocratização. O contrato social da redemocratização é o desejo da sociedade brasileira expresso no texto condicional de 88, e esse desejo foi renovado em todos os pleitos eleitorais desde então, que é construir no Brasil uma versão meio tropicalizada do estado de bem estar social padrão europeu continental, então a gente construiu vários sistemas de aposentadorias, a gente conseguiu construir mais tarde o bolsa família e uma série de outros programas, o seguro desemprego, então a gente conseguiu fazer com que o estado brasileiro gerasse receita e fizesse essa receita chegar para as pessoas que precisam em diversos programas associados aos riscos que em geral a gente tem numa economia de mercado. Mas a gente não conseguiu equipar as nossas regiões metropolitanas principalmente, a gente não tem transporte público, as nossas cidades são deterioradas, a gente não tem saneamento básico. Houve um grande ganho de renda, a gente teve esse fenômeno da classe C, as pessoas equiparam melhor a sua casa, todo mundo trocou seus eletrodomésticos, colocou tv de tela plana, então, um enorme ganho civilizatório. Mas a pessoa sai da sua casa arrumadinha, põe o pé na rua e está tudo errado, está tudo desarrumado.

A pauta original do aumento da tarifa do transporte público confirma, não era só por 0.20 centavos, a proximidade da copa do mundo e da olimpíada do Rio, adensava a sensação de uma cidadania desprezada. Os custos exorbitantes dos estádios eram incoerentes com a precariedade dos serviços públicos, além disso muitas vezes feitos sem licitações, deixavam um fedor de corrupção no ar e o autoritarismo ainda mostrava a sola da bota nas remoções compulsórias de pessoas pobres.

-O povo unido, jamais será vencido.

A democracia entorpecida sofreu então um choque de alta intensidade. As pessoas foram para as ruas, os ativistas eram em sua grande maioria jovens, trabalhadores precários e estudantes de ensino médio e superior que se apresentavam como autônomos e integravam coletivos de integração anárquica, comunista, socialista, feminista, lgbs e ainda setores do movimento negro, organizações da juventude de partidos de esquerda, movimento dos sem teto e de luta por moradia, além de organizações de professores.

Tudo foi colocado em cheque naquele momento, a academia foi colocada em cheque, a institucionalidade e a burocracia, máquina de triturar liderança dos partidos foi colocada em cheque, o sistema econômico financeiro foi colocado em cheque e a mídia obviamente, ela também foi colocada em cheque, porque ali tudo era possível. Primeira grande crise de intermediário para mim foi da indústria do entretenimento, principalmente da indústria da música, pós internet, só que a segunda grande crise de intermediário foi a crise da mídia, onde você poderia contar a história em primeira pessoa e poderia contestar aquelas verdades absolutas. E a mídia ninja, e mais do que isso, o ninjismo, que é a ideia de cada um poder contar a sua história, que é a ideia do mosaico de parcialidades, da massa de mídia em contraposição a mídia de massa, que não era uma teoria que estava colocada ali, era um acúmulo que em determinado momento fazia parte daquela onda e explode.

No lugar do país do futebol e do carnaval, nos tornamos o país da política, lá onde se dizia que todo brasileiro era um técnico, agora todo cidadão se revelava um ativista. O começo do fim do lulismo deflagrou o que se pode chamar da passagem da cultura à política na auto imagem dos brasileiros, em suma, o gigante acordou.

Quando eu lembro de 2013, uma das imagens que me vem à cabeça era eu indo trabalhar, em uma das escolas que eu trabalho fica na Central do Brasil, e era jogo do Brasil, na copa das confederações acredito e estava todo mundo no bar e em vez de conversar sobre o jogo, falando da manifestação, da passagem, do Sérgio Cabral, do que aconteceu. Aí de repente você vê que a cidade toda está discutindo política, fazendo política, conversando, opinando, marcando de se encontrar para ir em uma manifestação e começando questionar milhares de coisas.

Esse despertar sua teve origem nos protestos liderados pelo movimento Passe Livre, um movimento social de esquerda, reivindicando a revogação do aumento das passagens de ônibus em São Paulo e a adoção do transporte público gratuito.

Se a gente olhar para desde o começo da campanha a gente vai ver que o MBL fez todas as capas dos jornais de São Paulo, da Folha do Estado, todas as capas, por quê ele foi extremamente ousado, estava fazendo digamos assim, usando técnicas de mobilização social de uma maneira assim, muito além do que era prática corrente, então bloqueou grandes avenidas, ameaçou ou conseguiu bloquear vias que normalmente o movimento social não se atrevia bloquear, porque eram vias muito intensas, a gente teve o fenômeno black bloc, com destruição de propriedades acontecendo em grande escala já na primeira manifestação, então as manifestações do MBL foram muito ousadas e a cobertura de imprensa acompanhou essa ousadia.

A imprensa num primeiro momento se manifestou contra os protestos e pediu em editoriais maior repressão policial. A PM de São Paulo já dizia feita brutalidade, se sentiu autorizada em despejar violência sobre os manifestantes.

Ao mesmo tempo que isso está acontecendo acontece um outro fenômeno, datafolha vai às ruas antes da mobilização, antes da ação da polícia e coleta dados e o que se descobre nesse dia que a mobilização do MBL tinha apoio da população, tinha 55% de apoio da população de São Paulo, e se descobre basicamente que a imprensa tinha convocado a polícia para agir com brutalidade sobre um movimento que tinha muito mais legitimidade do que os poderes estabelecidos.

-Vem, vem, vem para a rua vem contra o aumento.

E aí, há uma mudança, digamos assim, da abordagem editorial dos meios de comunicação e esse fenômeno que já estava crescente, ou seja, a população aderindo aos protestos, simpatizando com protestos muito radicais faz com que a coisa estoure completamente, e a gente tenha uma coisa que já vinha crescendo, dá um grande salto do dia 13 para próxima manifestação que se eu não me engano no dia 17. E aí no dia 17 que é a próxima segunda-feira as manifestações já são massivas, elas já estão totalmente fora do controle do MBL ou de qualquer outro grupo que está coordenando ou convocando essas manifestações em outras partes do Brasil, a pauta se expande amplamente, porque não está mais, quem está participando não são mais os jovens de esquerda que estavam nessa campanha é na verdade todos os jovens, de esquerda e direita, e na verdade essa grande massa de pessoas que não era nem de esquerda nem direita, era gente comum, digamos assim, gente normal, apolítica, que se sentiu convocada, se sentiu identificada com esse gesto de rebelião.

-O povo acordou, o povo acordou...

A partir daí junho vai se tornando complexo e confuso. Chocam-se nas ruas brados de sem partido contra sem fascismo. Bandeiras vermelhas, balaclavas e cartazes coloridos, as pautas se expandem assim, como se tornam heterogêneos os manifestantes. Os atos já não pertencem a esquerda.

-Fora PT não precisamos de você...

Alguns vêm nos grandes protestos de junho, apesar da diversidade de pautas e atores, uma união entre a sociedade civil contra o sistema político, entretanto, resta explicar o porquê dessa união ter pouco tempo depois. desembocado em uma divisão e em seguida em uma aguda polarização. Por que a agenda comum a favor de melhor educação, saúde e transporte, veio a dar em uma fratura radical entre a esquerda que defende a universalidade desses serviços públicos e uma direita liberal que martela o mantra do estado mínimo?. Provavelmente porque, como observou Wilson Gomes, havia em junho uma combinação delicada de elementos que só convergiam num nível muito abstrato e genérico e que tendiam a se desenvolver de maneira divergente tanto na política, quanto na economia e nos costumes. Foi o que aconteceu. A indignação contra o sistema, logo seria canalizada para um sentimento anti corrupção que se transformou na trincheira política que rachou o país em dois.

PARTE 2 NOVA CULTURA POLÍTICA

As mobilizações de junho lograram algumas conquistas imediatas, cerca de 70% dos brasileiros que vivem em grandes cidades, tiveram redução das tarifas de ônibus. Alguns processos de remoção encontraram forte resistência e foram suspensos. No Rio de Janeiro a demolição da aldeia Maracanã, o museu do índio foi cancelada, o legado democratizante de junho porém, foi bem além e se manifestou no surgimento de novos movimentos sociais de sentido igualitário. 2013 e 2014 foi um período com o maior número de greves desde o início da nova república, os chamados Rolezinhos foram um movimento político de jovens negros de periferias que afirmaram sua presença em espaços públicos tradicionalmente reservados às classes médias e altas. No Rio de Janeiro, a categoria dos garis realizou uma greve bem sucedida com o apoio de grande parte da população.

Eu acho que isso tem a ver com o acirramento que junho nos mostra, quer dizer, esses grupos subalternizados, eles sempre existiram e nem sempre tiveram espaço de manifestação. No momento em que a disputa vai para a rua, passa a ser fundamental a presença nas ruas para que se proteste, se manifeste contra essa política que pretendia manter os subalternos nos seus respectivos lugares de subalternos.

-Excelentíssimo senhor presidente, excelentíssimos deputados, a todos os demais presentes, boa tarde. Eu sou Ana Julia, estudante secundarista, do colégio estadual Senador Manoel Alencar de Guimarães, tenho 16 anos e estou aqui para conversar com vocês e falar sobre as ocupações. A minha pergunta inicial é: de quem é a escola?

Em 2015 os estudantes secundaristas se mobilizaram contra o fechamento de escolas públicas em São Paulo, no ano seguinte o movimento se expandiu para diversas cidades do país. Os estudantes protestavam contra a Pec dos gastos que congelavam o investimento em educação por 20 anos, protestavam também contra o projeto escola sem partido, visto como uma iniciativa política que denuncia a politização do ensino. No rol dos movimentos igualitaristas que cresceram a partir de 2013, a atuação de grupos subalternizados também chamados de Identitários foi a mais bem sucedida quanto a capacidade de organização e o impacto de suas ações em que pesem necessárias críticas a algumas premissas e alguns de seus métodos.

Eu tenho um pouco de antipatia desse termo “Identitário”, eu não acho muito que as lutas politizam, gênero, sexualidade, raça, religiosidade, território, sejam identitárias, acho que são lutas por vida plena, por formas de existência que tentam chamar a atenção de lutas mais tradicionais, mais estabelecidas, principalmente a

discussão econômica, luta de classes. Não era possível falar de centro de saúde, escolas, segurança pública e transporte sem falar das lutas sobre os nossos corpos também, quem são os corpos que vão acessar esses serviços que são direitos. Eu acho que esse é o grande salto que vêm de 2013 para cá, de como que as lutas criam um atravessamento inédito no Brasil e isso tem a ver como uma chave de interseccionalidade que para ser ministras negras já é uma elaboração bem anterior, mas que eu vejo como primeira vez tomando debate público no Brasil.

O movimento negro já vinha de pelo menos uma década de conquistas fundamentais, como sistemas de cotas em universidades públicas. De junho para cá, sua agenda estabeleceu-se menos em torno de pautas legais do que como uma luta por reconhecimento, identificando a naturalização e a extensão do preconceito racial no cotidiano das relações sociais do país.

-Não serei interrompida, não aturo interrupção de vereadores desta casa, não aturarei de um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita.

O movimento feminista impôs a sua agenda como protagonista das lutas por igualdade no país. Seu impacto concreto já se faz sentir e deverá transformar as relações de gênero. O movimento LGBT também avançou nas lutas por reconhecimento, por políticas públicas e representatividade. Em 2018 foram 45 pessoas trans concorrendo a cargos eletivos, é um número nove vezes maior do que o das eleições anteriores. Registra-se ainda o surgimento de novos movimentos sociais à esquerda e à direita, buscando um acesso direto a política institucional com o objetivo de transformar o sistema.

A gente precisa ocupar os espaços institucionais não para reforçar a lógica da institucionalidade, mas exatamente para confrontá-la e para criar outras possibilidades de estar na instituição e a gente precisa estar aqui porque boa parte dos recursos e das decisões que vão afetar as nossas vidas passam pelas instituições e elas são controladas por gente que não tem compromisso com a maioria do povo. E a inteligência mais avançada está aí, autonomamente, nos territórios, nas quebradas, nos movimentos, com as pessoas se virando para achar saídas para seus problemas e isso precisa informar a ocupação institucional.

Mais o gigante se revelou mais complexo que se supunha. De 2015 em diante, a nova cultura política brasileira foi formada pela operação Lava Jato, pelo antipetismo, pelo processo de impeachment contra Dilma Rousseff, pela prisão de Lula e pela circulação de informações em redes digitais. Foi em meio a esses acontecimentos que se organizou novamente o campo das direitas, desarticulado desde o fim da ditadura militar.

A direita se apropriou melhor das ferramentas, de geração de bluetooth em coletivo, contou melhor a história, e a Lava Jato que organizou todo mundo e deu...foi a editoria disso.

As novas direitas ressurgiram em torno do problema da corrupção, o tema aparecera já em junho de 2013, mas o sentimento anti corrupção só se formaria no país a partir da Lava Jato. A operação foi o combustível fundamental do antipetismo, o que propiciaria o impeachment de Dilma Rousseff. Ainda é cedo para avaliar se a Lava Jato terá mudado a cultura da corrupção no país, mas seu legado para o processo eleitoral de 2018 foi inequívoco, transformou a corrupção no tema fundamental do eleitorado.

Eu não acho que a operação lava jato seja político-partidária, nem um pouco, mas eu acho que ela é uma operação política, e várias das ações delas a gente só entende nesse sentido político, porque ela sabe que ela precisa responder a opinião pública, ela precisa responder a imprensa por que ela precisa do apoio da opinião pública da imprensa para ela levar adiante a sua missão institucional.

Qual é o meu problema com a lava jato? É denunciar desmandos? não, enfim... tem que investigar? tem que investigar. Mas o problema é que se transformou delação em prova, delação é meio de obtenção de prova. Então o que há é uma exacerbação do que eu chamo de república das togas, eles resolveram passar o processo político a limpo, uma mistura assim de savonarola com torquemada, nós somos os puros, todo o resto do mundo não presta, todos os políticos são iguais. Ela é uma operação antipolítica, eu acho que ela é equânime nesse sentido, é equânime no sentido mais negativo que possa haver. Passou o rodo na classe política, toda, transformou delação em condenação e isso não dá para suportar, mas veja, isso nao da para suportar numa sociedade, numa sociedade liberal não dá, mas numa ditadura de esquerda dá, em uma ditadura de direita dá, numa sociedade liberal não dá.

Uma parte da energia de junho, ela foi vampirizada pela da Lava Jato, como se a Lava Jato fosse a representante de uma parte de junho dentro do sistema político, combatendo o sistema político. Se a gente for pensar nesses termos, é assim, olha, faça-se a justiça e pereça o mundo. Acontece que teve um momento em que isso não foi aplicado, quando isso não foi aplicado? quando o juiz Sérgio Moro divulga os áudios de conversas entre uma presidente no exercício do mandato e um ex presidente, nesse momento o juiz Sérgio Moro deixou de ser aquele que estava buscando a justiça, a pereça, o mundo, para se tornar um ator político.

A sentença de condenação do Lula no caso do apartamento de Guarujá é um escândalo. Eu quero saber o seguinte, o ministério disse na denúncia, o apartamento é fruto de três contratos de consórcios integrados pela OAS. Apresentou as provas? Não. Na hora de dar a sentença o Sérgio Moro tocou nos contratos ao menos? já que está na denúncia. O direito é forma, se direito não for

forma não é nada. Ele é conteúdo, mas sobretudo forma. Se a denúncia é esta a condenação tem que vir amparada na denúncia, a condenação do Sérgio Moro não guarda vínculo com a denúncia. Quando o advogado do Lula entrou com os embargos e declaração, a resposta do Moro foi “Eu nunca disse que o apartamento é fruto dos contratos com a Petrobrás”. Acontece que se não era fruto dos contratos com a Petrobrás ele nem era o juiz da causa. As causas só iam para ele que fosse relativo com a Petrobrás, nem juiz ele era então.

O sentimento que se formou contra o PT em grande parte da população é um fenômeno complexo, coabitam nele entre outros traços a revolta contra a corrupção real durante os governos Lula e Dilma, os erros da política econômica cometidos nesse período, o estelionato eleitoral de 2015 que consistiu em promover um duro ajuste fiscal cuja necessidade foram omitidas na campanha de 2014 e a falta de autocrítica do partido em relação a todos esses erros. Mas o antipetismo também é feito do interesse de setores da sociedade incomodados com as políticas redistributivas do governo do partido dos trabalhadores. Com o seu apoio às pautas de grupos subalternizados como mulheres, pessoas negras e lgbts e ainda de uma paranóia anticomunista gestada em pleno governo social democrata. O antipetismo se transformou num dos afetos dominantes da política nacional, um afeto de ódio que deu respaldo social ao controverso processo de impeachment de Dilma Rousseff.

PARTE 3 O NÓ GÓRDIO

-Por Deus, por minha família, pelas famílias, pelas pessoas de bem, meu voto é sim, fora Dilma, fora Lula, fora o PT.

-Com a ajuda de Deus, pela minha família, pelo povo brasileiro, pelos evangélicos da nação toda...

-Em homenagem ao meu pai Roberto Jefferson, à verdade, à democracia.....

-Pelo Sérgio Moro, pelos evangélicos, pelo meu Brasil, pela minha família, sim.

-Pelos militares de 64, hoje e sempre...

-Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, o meu voto é sim.

-E quem vota sim coloca a mão para cima,coloca a mão para cima...

E quando você vê que aquele congresso corrupto, sei lá que proporção, mas muito grande, daqueles que votaram pela sua mãezinha, pela sua mulher, pelos seus filhinhos, pelo sei lá o que, por Deus...poucos votaram pelo bem do Brasil, é sempre pela família, já cheira mal aquilo. Só o privado, votam pelo impedimento de uma presidente honesta e sendo eles todos ou a grande maioria acusados de

corrupção, a sensação de anomia, esse verbo que meus amigos argentinos usaram, psicopatiaram o Brasil, criam uma espécie sensação, ao mesmo tempo de insegurança política, pública, cívica, e ao mesmo tempo de “ah, então pode, ah, então agora vale tudo?” e agora estamos numa fase de vale tudo.

A derrota de Dilma começa nos protestos de junho de 2013, que fragilizaram a ex presidente e o PT como um todo, ainda assim, Dilma conseguiu vencer uma eleição apertada contra Aécio Neves no ano seguinte, para isso maquiou com tintas fortes a situação econômica do país e logo após a vitória teve que recorrer um ajuste fiscal impopular até dentro do seu partido, a oposição aproveitou o momento e a fim de empurrar a presidente para a beira do abismo, não exitou em sabotar o país votando as chamadas pautas bomba, que acabaram por explodir as condições fiscais do governo que vinham se deteriorando havia já alguns anos. Desgastada pelas acusações de corrupção da Lava Jato, perdendo o apoio da própria base social ao propor um duro ajuste fiscal, tendo perdido ainda o apoio dos setores empresariais a proporção em que a economia descia pelo ralo e finalmente tendo que enfrentar a ira do presidente da câmara, Eduardo Cunha, pelo fato de o PT ter se recusado a ajudá-lo a livrar-se de um processo na comissão de ética da casa, Dilma logo se viu numa sinuca de bico.

-A nossa bandeira, jamais será vermelha...

A articulação entre a grande imprensa e os movimentos de rua das novas direitas criou o respaldo social necessário a que o parlamento se decidisse por derrubá-la.

-Está autorizada a instauração de um processo contra a senhora presidente da República por crime de responsabilidade.

Desde a desaceleração da economia a partir de 2011, que claro vem por erro de política econômica doméstica, mas também vem por um cenário externo bem mais desfavorável, alí se encerra o boom no preço de petróleo, commodities, você começa ver o orçamento público minguando, isso abre a oportunidade para um discurso que tenta culpar o papel central do estado na política de redistribuição de renda, de oferecimento de serviços públicos, de investimentos públicos na infraestrutura, pelo colapso que viria depois. Não é atoa que a responsabilidade fiscal, que os artifícios usados para esconder o déficit fiscal, isso se tornou o centro e o objeto do próprio processo legal de impeachment

As acusações que sustentavam o processo de impeachment giravam em torno de possíveis crimes contra LRF, a Lei de Responsabilidade Fiscal, além das chamadas pedaladas fiscais, a outra acusação que serviu de base material ao impeachment foi a de que Dilma assinou seis decretos de abertura de créditos suplementares cujo valor seria incompatível com o cumprimento da meta fiscal. A

primeira questão diz respeito portanto à pertinência dessa acusação. A presidente Dilma cometeu crime contra a LRF?

-Senhores, orçamentos, orçamentos, são leis importantes que devem ser respeitadas, mas que são autorizações de gastos. E o que prevê o artigo 4º, que é perfeitamente possível que sejam baixados esses decretos se houver a compatibilização com a meta fiscal, note-se, não há limite, há uma diferença de compatibilizar e limite. Limite é aquilo que eu não posso ultrapassar, que a perícia demonstrou que todos os decretos somados não gastaram um níquel sequer.

As pedaladas de 2014, aquilo lá é fraude, é mentira, é uma coisa muito feia, que era assim, o Bndes dava o empréstimo, aí acharam que estava pouco o subsídio, e foi em 2000 e sei lá quanto, eles criaram um subsídio em cima do subsídio, só que o Bndes disse, comigo não, está demais, aí o tesouro assumiu o subsídio do subsídio, no programa sustentação de investimento, só que o governo disse o seguinte, olha, eu crio esse subsídio, esse subsídio evidentemente está contabilizado no Bndes, porque ele empresta numa taxa muito mais baixa do que era para ele emprestar, então ele tem que colocar no balanço dele o subsídio, só que o tesouro só vai contabilizar aquele subsídio acho que 20 meses depois, então olha que maluquice, você tinha um órgão público que já contabilizava um crédito em função de um subsídio que ele tinha praticado que não era dele que ele tinha a receber, e outro órgão público que era responsável pelo subsídio não contabilizava aquele débito, gente, isso é fraude, escandalosa.

O que a Dilma fez, foi uma fraude contábil e fiscal e financeira brasileira em larga escala, maquiando uma situação muito grave das contas públicas em que diversas ilegalidades foram cometidas de forma crônica e planejada como forma de financiamento de um estado que estava...cujos gastos cresciam e não fazia nada para resolver isso, então alí teve uma violação séria.

-Todos os outros governos fizeram, não me digam que não fizeram, até o Henrique Cardoso baixou decretos idênticos a estes, Lula baixou, aquilo que chamam de atrasos das subvenções, aconteceu em todos os governos, e aí vão se criando pretextos para se justificar, pretextos. Ah, mas devia ter percebido! Devia? Por que que o congresso nacional não denunciou isto? Será que todos os parlamentares dormiram, será que todos os deputados dormiram, senador dormiram, tribunal de contas dormiu! Um sono esplêndido.

Um impeachment ele tem dois elementos, tem um elemento jurídico, técnico, digamos assim, houve uma quebra lei, de lei de responsabilidade nesse caso, e outro um elemento político, quem julga um impeachment não é um tribunal de juízes de ministros do supremo ou de juiz, é o congresso, ou seja, porque é o congresso? porque tem esse elemento momento político e do acordo político também, para ele acontecer é preciso ter o crime de responsabilidade, é preciso ter a violação da lei de um lado, e o que o governo Dilma fez não foi nem um pouco similar... tem quer

nos diversos estados, talvez tenha governadores realmente chutando balde como Dilma fez. Mas a comparação que se fazia por exemplo, das pedaladas de Dilma, com as de Lula, ou as de FHC, ali não tinha comparação, é a diferença entre você desviar verbas da sua empresa ou você levar a caneta da empresa para sua casa.

-Onde está o dolo do presidente da república, as pessoas não tem dúvida que ela agiu arditosamente com tudo o que foi exposto? In dubio pro reo, as pessoas não têm dúvidas em relação aos atos dela? In dubio pro reo, aplica o In dubio pro reo para os fatos, que ela estará absolvida. Na idade média, na dúvida, se acusava e se condenava, depois já no século 19, não, se absolvia.

Aí eu acho que tem a natureza política, então, o motivo legal, se quisesse usar poderia ser usado, e se quis usar.

Mesmo admitindo-se que as práticas de contabilidade criativa feriam a lei de responsabilidade fiscal e que tecnicamente o processo foi legal, a natureza política do impeachment é evidente. Sua principal motivação ao menos da perspectiva do sistema político teria sido estancar a sangria da Lava Jato para usar a expressão da histórica da gravação de Romero Jucá e Sérgio Machado.

-Tem que resolver essa porra...

-Tem que mudar o governo para poder estancar essa sangria.

-Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel.

-É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

Olha só, eu acho que a palavra golpe é uma palavra muito elevada para o que aconteceu, eu uso a expressão parlamentada, eu chamo isso de a parlamentada de 2016, e é uma referência a historia Latinoamericana das quarteladas, como não tem mais quartelada, agora você faz as parlametadas. Então a parlamentada em primeiro lugar, ela é um movimento de auto defesa do sistema político contra a justiça. Fala, olha, nós precisamos tomar o poder para controlar isso, porque se não vai todo mundo preso, assim não pode.

Nesse sentido o impeachment aparece como uma quebra grave de uma espécie de regra não escrita das democracias que os cientistas políticos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, chamam de auto controle, trata-se da disposição de se abster de usar contra o adversário todos os recursos institucionais disponíveis pelo bem do funcionamento do jogo político como um todo. Ao Contrário o impeachment configurou antes o que o professor de direito Mark Tushnet chama de jogo duro constitucional, isso é, forçar a Interpretação da Constituição no sentido do interesse de um grupo.

Como toda narrativa essa também tem o seu outro lado, há uma outra versão para o fla-flu entre esquerda e direita ou PT e PSDB no Brasil da nova república., nessa versão a sequência de eventos o que levou ao impeachment de Dilma Rousseff é bilateral.

Quem começou com as raid boss, no meu entender, foi o outro grupo político e que usou o jogo pesado até o último grau na campanha eleitoral, em diversas medidas, primeiro fraudou as contas públicas para reeleger a Dilma, depois mentiu a larga e na democracia tem esse problema, o tamanho conta, se mentiu um pouquinho é diferente de mentir muito. E aí quando se viu que ela ia ir para o estelionato, então olha o conjunto da obra, não dava para ter conversa, aquele grupo político petista perdeu a confiança da casa.

A reciprocidade da falta de autocontenção não é recente, ela remonta nos anos 90 durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

Na verdade que a primeira grave foi dos Tucanos, que foi a emenda da reeleição do FHC. Acho que depois tem durante todo o governo do FHC o PT indo contra todas as pautas que foram propostas para ajudar o país, o PT votou pauta bomba a vida toda, a vida toda, como um partido que passa a vida toda voltando pauta bomba, reclama do Aécio ter votado contra o fator previdenciário que muito me entristeceu.

A discussão é produtiva e necessária, seja como for o impeachment teve diferentes consequência no país, da perspectiva econômica houve alguns efeitos positivos, mas o fato de ter sido capitaneado por Eduardo Cunha, notório corrupto, que viria a ser condenado a mais 24 anos de prisão, desdobramentos como o fato de que uma presidente eleita seja substituída por um presidente acusado de corrupção e que mesmo assim conseguiu se manter no poder e o fato de que Aécio Neves, um dos principais artífices do impeachment tenha sido flagrado por uma gravação comprometedor e mesmo assim permaneceu no senado, tudo isso atentou contra a credibilidade de uma democracia já muito precária.

PARTE 4

A NOVA DIREITA E OS NOVOS LIBERAIS

O impeachment, a parlamentada ou o golpe, trouxe à tona um personagem estruturalmente subterrâneo da política brasileira, Michel Temer, o símbolo do homem e dos acordos de bastidores, figura das sombras, que a sensibilidade popular logo traduziu na imagem de um Vampiro.

É interessante a imaginação popular que diz que é um vampiro, mordomo, essas figuras... São intuições sobre esse lugar, sempre trabalhou na sombra, existiu na sombra, só que essa sombra que é a política real, orgânica, negociação de bastidor com corrupção, essa sombra foi para o poder.

-FORA TEMER...

Como observa o filósofo Rodrigo Nunes, Temer talvez tenha sido o único presidente na história a ostentar sua baixíssima legitimidade como virtude, segundo ele era justamente por não ter submetido seu programa ao voto popular que ele estava habilitado para fazer as reformas da previdência e trabalhista, rejeitadas pela maioria da população.

Essa era a pauta do empresariado brasileiro que fez esse movimento, tem que aumentar o poder do capital sobre o trabalho, diminuir o máximo possível o custo com o trabalho do capital, era essa a questão do ponto de vista econômico e político, isso era uma encomenda para o governo, e o cara entregou. O Brasil conseguiu botar isso no poder sem nenhum texto mais, de projeto, de sonho, de relação com a história. É uma liquidação da poesia do que é você ter um país e uma civilização, qualquer dimensão de desejo por um concreto objetivo real, só.

Temer foi o governante com a maior rejeição em 25 anos, ostentando ainda a honraria de ser o primeiro presidente em exercício denunciado por crime comum e cercado por um núcleo de governo que talvez já estivesse todo preso não fosse o foro privilegiado. Sobreviveu as ameaças de cassação e impeachment, graças a atuação de ministros do Tribunal Superior Eleitoral, e a compra de apoio no congresso ao custo de 15 bilhões de reais dos já combalidos cofres públicos. O que se viu então foi uma combinação de instabilidade macroeconômica e uma agenda impopular que se procurou executar a toque de caixa.

O grande movimento destituente que foi em junho de 2013, criou um espaço vazio onde começaram a atuar as novas direitas que já estavam incubadas desde o governo Lula, esboçando uma organização em comunidades do Orkut nos primórdios das redes sociais.

Eu diria que o mensalão já deixou pessoas que não eram exatamente muito entusiastas do PT ou mesmo do Lula, enfim, deixou essas pessoas já insatisfeitas, falaram, não, se algumas dessas pessoas chegou a votar no Lula, não, parei de votar no Lula, vou botar na oposição, agora o governo era muito popular, também tem isso, a corrupção é importante, sim, mas a popularidade dos governos é muito importante, a aí entra junho, aí se criou uma janela de oportunidades para todas as pessoas que vinham acumulando esse sentimento de insatisfação em relação ao PT em relação ao Lula. em relação a Dilma e também tinham os avanços das investigações da lava jato, foi uma culminância de fatores que fez com que essas pessoas se sentirem aptas a se expressar, inclusive se expressaram nas ruas.

As novas direitas emergem no refluxo dos protestos de junho e se fortalecem com os movimentos anticorrupção que atingiram principalmente o PT. Mas seu surgimento também foi uma reação à crise econômica, essa teve como uma suas causas, a política de gastos sociais que marcou os governos FHC e Lula. Comprometidos pelos erros de gestão econômicas sobretudo nos governos Dilma, os gastos sociais foram aumentando a dívida pública e acabaram tornando-a insustentável.

Quando você olha o governo FHC e o governo Lula e você vê toda a agenda social uma enorme ; continuidade você diz, olha, tem um consenso na sociedade que é maior do que este ou aquele partido, que é um consenso que gera esse contrato social da redemocratização. Essencialmente você imagina o processo de

eleição de votação, cada pessoa é um voto, em geral o rico quer crescimento econômico, pobre em geral quer redistribuição, e aí numa votação assim, o cara do meio, que metade das pessoas são mais ricas que ele e metade das pessoas são mais pobres do que ele, é quem decide, numa sociedade muito desigual como é a brasileira, a renda desse cara do meio é muito baixa e o eleitor mediano que é quem ganha a eleição, em última instância, ele é relativamente muito pobre, então ele vota por aumento de carga tributária por redistribuição, isso que eu chamei de contrato social de redemocratização. Quem produziu em grande medida foi a nossa própria democracia, não foram os políticos, os políticos responderam às demandas da sociedade, então a sociedade demandou carga tributária alta, a sociedade demandou muito gasto público, a sociedade demandou um equilíbrio que gerou juros altos e baixo crescimento, então tem uma reação a isso que é o novo e essa direita.

Assim como existem diversas esquerdas que vão desde o socialismo liberal, até o confisco da sociedade privada também é diverso o campo da direita onde coabitam conservadores militaristas e liberais de diferentes matizes.

Eu confesso que não entendo a ideia da liberal na economia e conservador nos costumes, liberal é aceitar o diferente. Talvez o maior pensador do liberalismo do século 19 tenha sido John Stuart Mill, que defendeu a emancipação das mulheres, comparou a condição das mulheres no século 19 à escravidão, defendeu a liberdade dos negros, o fim da escravidão, quer dizer, liberal é aceitar quem pensa diferente é aceitar a divergência, que história é essa de liberal que quer fechar museu? ou é liberal ou quer fechar museu, não dá para ter as duas coisas.

O fundamento do liberalismo é a defesa das liberdades individuais, ele tem uma dimensão política e uma dimensão econômica, na política deve permanecer a máxima John Stuart Mill, o indivíduo só deve prestar contas na sociedade no que concerne aos outros, ou seja, nenhuma autoridade seja o estado ou membros de uma maioria social tem o direito de impor comportamentos as pessoas a menos que esses comportamentos violem a liberdade alheia, nessa dimensão política os novos liberais brasileiros não são consensuais e frequentemente se confundem com conservadores.

Eu diria que essas novas direitas, num certo sentido, elas irrompem contra o que por exemplo, a Nancy Fraser chama de hegemonia neoliberal progressista, então elas são contra o politicamente correto, elas são contra que o estado seja ativo no combate, por exemplo, contra a homofobia, contra o machismo, transfobia, nesse ponto inclusive os ultraliberais se encontram com esse pessoal mais conservador, mais influenciado pelo Olavo de Carvalho, que é, olha, isso é um problema que tem que ser resolvido no âmbito privado, no âmbito da sua família, no âmbito da sociedade civil, a sociedade que se tem que ver com isso, o estado não tem nada a ver com isso. E que é bastante diferente pelo que vinha sendo praticado antes pela própria direita, das duas uma, ou essa velha direita estava preocupado exclusivamente com a economia, essas elites tecnocráticas, elas não ligavam para costume, para moral, ou então, existia uma preocupação mas era uma preocupação

muito mais de setores religiosos e que ficava muito no âmbito de um público religioso, geralmente cristãos, evangélico e essa nova direita não, ela expande isso.

Essa confusão com o conservadorismo pode ser identificada nas posições do fundador do partido liberal mais explícito e bem definido do país, o partido Novo. João Amoedo se declara simultaneamente a favor do porte de armas pelos cidadãos mas contra a descriminalização das drogas e do aborto, já na perspectiva econômica o novo discurso liberal parece ser mais radical do que o liberalismo tal como se fez presente nas posições partidárias e nas políticas econômicas dos governos brasileiros desde a redemocratização.

Eu diria que essas pessoas são muito mais radicais, em termos de diminuir drasticamente regulações, realizar muito mais privatizações do que já foram feitas em velocidade muito maior, pensar em privatizar bens que antes não se pensava em privatizar.

Um binômio oportuno para se pensar as virtudes e os limites da perspectiva econômica liberal é o seguinte: pobreza e desigualdade. João Amoedo declarou repetidamente que a desigualdade não é o problema a ser combatido, disse ele: "o que queremos, combater a pobreza e não necessariamente a desigualdade, o combate à pobreza se faz com crescimento e com criação de riqueza e não com a sua distribuição". Nessa formulação, reside talvez o cerne principal da diferença entre esquerda e direita.

Tem um debate no mundo que é entre esquerda e direita que é o debate que o Norberto Bobbio arrumou, esquerda você quer mais igualdade, mas cuidado com os grupos vulneráveis, em troca dessa proteção você aceita até mesmo um país que cresce menos, um país menos Rico mas por uma maior igualdade, e a direita por outro lado aceita a maior desigualdade, ela aceita cuidar menos dos mais vulneráveis em troca de um país que na média vai estar mais rico, essa é uma escolha, uma escolha social, aqui não tem economia para ajudar, isso aqui é uma escolha, tem pessoas que preferem viver em países mais ricos que a renda média é maior apesar de mais desiguais, tem pessoas que preferem países mais desiguais apesar de mais pobres. Você pode falar olha prefiro viver em Cuba um país pobre mas que todo mundo é meio parecido, eu prefiro viver nos Estados Unidos um país que tem grandes desigualdades mas em geral até mesmo os mais pobres nos Estados Unidos são mais ricos do que a classe média Cubana, eu prefiro uma coisa intermediária, prefiro um país nórdico ou prefiro a França, com a sua leve decadência, não tão rico quanto os Estados Unidos, mas uma qualidade de vida com outros benefícios, uma jornada menor de trabalho, férias mais longas. Essa é uma escolha da política, da sociedade.

De maneira geral, o pensamento liberal, quem se diz liberal se preocupa mais com a pobreza, com a falta de acesso a serviços básicos, que a grande parte da população sofre, então se preocupa mais com... olha, tem jovens que não têm acesso a uma educação de qualidade, você tem quase 50% do país que não tem

acesso a um saneamento básico, você tem pessoas que passam extrema dificuldade, você tem desempregados, você tem gente que depende de transferência de renda porque não tem oportunidades na vida, isso é pobreza, o nome disso é pobreza, e esse é o que tem que ser combatido, outra coisa é, qual é a distância entre o mais pobre e o mais rico na sociedade? é a desigualdade, se a gente transferir um pouco da renda dos mais ricos para os mais pobres isso vai ajudar os mais pobres a terem menos pobreza e vai diminuir um pouco a riqueza dos mais portanto vai também diminuir a desigualdade, ótimo, perfeito, agora, você tem maneira de combater a pobreza que talvez não reduzam a desigualdade mas que também são importantes, porque a pobreza é um problema urgente para ser resolvido, e você tem outras maneiras até, em que você pode diminuir a pobreza e ao mesmo tempo talvez a desigualdade suba, e no momento atual do Brasil isso pode ser positivo também, porque você está melhorando a qualidade de vida daqueles que estão na base dessa pirâmide.

Na economia a gente tem um pouco as evidências de quando os mercados funcionam, e eles funcionam muito bem, a expectativa de vida em 1800 era de 40 anos idade, hoje é mais de 80, o cidadão médio de um país europeu, um país desenvolvido europeu no começo século 19 tinha uma renda de 400, 600 dólares ano, um dólar e meio o dia, hoje tem 40.000, 50.000 dólares ano, multiplicou por 100 a renda, agora, reconhecemos os avanços da economia de mercado, mas também sabemos das falhas, como se garante igualdade de oportunidades, como é que traduzimos esse crescimento da riqueza em igualdade e em cuidado com os mais vulneráveis?.

As virtudes do livre mercado são irrefutáveis nos últimos séculos a riqueza e a expectativa de vida se multiplicaram em boa parte da humanidade, mas os limites do livre mercado são igualmente evidentes, não é preciso necessariamente combater a desigualdade para melhorar a situação das pessoas desfavorecidas, mas talvez não seja possível da própria perspectiva econômica crescer de forma sustentável sem diminuir os privilégios das classes mais altas, eliminando benefícios de certas categorias junto ao estado e promovendo uma reforma tributária que taxe mais as pessoas de maior renda. Além disso a desigualdade é danosa por si só, desigualdade é antidemocrática, porque a riqueza se traduz em poder político e gera tensões sociais que produzem violência.

A história do conservadorismo esclarecido remonta ao século 18, nessa versão moderada trata-se de uma posição que tende ao ceticismo e que funciona como um contraponto às políticas utópicas que acreditam poder transformar radicalmente os indivíduos e a sociedade muitas vezes com resultados desastrosos. Mas o conservadorismo emergente do Brasil, é em grande medida de outra ordem, sua base é religiosa e dogmática, suas posições são mais propriamente reacionárias e tem mostrado a face nas chamadas guerras culturais. A ideologia de gênero é a ursal do campo moral, a permanente suspeita de um proselitismo LGBT opera como álibi que encobre a fobia da plena realização do mundo moderno.

A ideia de que nós estamos num caos moral, onde não há nenhum valor moral mais assegurado, então nós não sabemos mais diferenciar o que é certo do

que é errado e nós voltaremos a saber se os homens foram homens e se as mulheres foram mulheres, é muito comum nos autores contemporâneos conservadores no campo da ética, esse primeiro diagnóstico de que estamos todos perdidos, não sabemos mais que critérios usar, temos que voltar a... aí você pode dizer, voltar Aristóteles, voltar a Kant, voltar a Espinoza, enfim, você pode voltar a quem você quiser não importa como se completa essa frase mas, temos que voltar algum lugar no passado, para recuperar deste passado, critérios que nos permitam novamente discernir o certo do errado de uma maneira universal, que sirva para todo mundo, que nos tire dessa confusão que os pós modernos nos enfiaram. A frase costuma acabar desta maneira bastante clichê.

-Viva o senhor Jesus...

-Viva a fé cristã...

-Viva a cultura cristã...

A chave de compreensão das batalhas de varejo envolvendo o Queer Museu, palestra de Judith Butler e Jesus Cristo travesti, não está na superfície dos argumentos não está na superfície dois argumentos, o verdadeiro lugar desse embate é mais profundo, ele se dá na dimensão afetiva dos indivíduos, e remete no limite ao confronto entre o moderno e o pré moderno, o mundo aberto e o mundo fechado. Como observa intelectual trans Helena Vieira, esse conservadorismo é uma reclusa a fazer o luto da tradição perdida.

Eu costumo sempre pensar que o conservadorismo ele é um tipo de melancolia, ele é um sentimento de quem não quer o avanço, de que não consegue entender que o mundo se modificou e não conseguindo entender que o mundo se modificou se sente perdido quer então uma regressão do mundo para uma época em que as coisas fazem o sentido segundo conjunto de verdades que essa pessoa carrega.

Vivemos em uma época ambígua, em que o velho mundo da tradição se sente ameaçado diante de um novo mundo em expansão. Nesse entre-lugar como na conhecida passagem de Gramsci uma grande variedade de sintomas mórbidos aparecem, a cada passo que a sociedade dá no sentido da plena aceitação de todas as formas de vida, todas as identidades, as sexualidades, os gêneros, um movimento de reação se organiza para tentar restaurar os valores normativos da tradição, a Supremacia branca, masculina, heterossexual. O mundo da tradição é aquele em que os princípios são assegurados por um fundamento sólido, o Deus dos monoteísmos, de cujas regras saem os mandamentos que os homens devem seguir. Esse mundo da tradição perde em liberdade o que ganha em conforto psíquico, nele, todos nascem sabendo o que é certo e errado e o que devem fazer em todas as dimensões de suas vidas. O mundo moderno é o que rompe essa lógica, a época moderna se instaura questionando todos os dogmatismos, e ela o faz minando seu fundamento primordial, o Deus monoteísta. A época moderna é aquela anunciada por Giordano Bruno, Copérnico e Galileu, pela ciência e suas explicações comprovadas do mundo, pelas navegações e seus descentramentos

culturais, pela razão Kantiana, pelo super-homem Itiano, pela Revolução Industrial e o desenvolvimento tecnológico. O ideal do mundo moderno é a liberdade, nele todas as liberdades são aceitas desde que não violem a liberdade dos demais indivíduos, ganha-se em liberdade o que se perde em conforto psíquico, por isso tantas pessoas não suportam a modernidade, ela os angústia, faz com que se sintam ameaçadas nas suas certezas mais estruturantes.

Por que a liberdade do outro pode ser tão profundamente perturbadora? Eu gosto muito de uma explicação bem simples, que eu ouvi uma vez do psicanalista Christian Dunker, porque eles têm medo, parece tão óbvio que às vezes, parece até difícil de dizer... mas é só isso? mas que isso é muito.

Tem uma direita que é visceralmente contra casamento gay, até hoje eu não entendi o porquê. Em que sentido, porque eu acho que o aborto mexe com uma dimensão da vida humana, a droga é uma questão que diz respeito à organização da sociedade, as crianças, pode não pode? coloca a questão da fronteira seca. Agora, quem é que tem que se meter no que duas pessoas fazem no quarto? porque que você tem que se meter nisso? E hoje você tem um crescimento dessa direita reacionária neste particular, e os mais virulentos, hoje representados pelo bolsonarismo, tem o pensamento que eu chamo assim, tem que ser um combo, você tem que ser contra gay, você tem que ser contra o aborto, você que tem que ser contra a droga e curiosamente a favor da pena de morte, que eu também acho um espetáculo de incoerência, de estupidez, de incoerência, quer dizer, o aborto não, porque mata pessoas, mas eu quero matar pessoas já depois delas aqui., neste mundo, circulando, aí eu quero, aí eu quero matar as pessoas.

É impossível compreender a formação da nova direita conservadora no Brasil sem passar por Olavo de Carvalho, sua atuação intensa no ambiente digital durante quase duas décadas foi decisiva para disseminação do reacionarismo.

Tem coisas em livros do Olavo de Carvalho que são excelentes, tem coisas que são francamente asquerosas, chegou esses dias nas minhas mãos uma reedição do imbecil coletivo, que tem coisas realmente fantásticas ali, mas aconteceu de eu abrir, peguei lá, e está lá assim, Graciliano Ramos sentia nojo de comer comida feita pelo cozinheiro gay, não sei o que, tal... mas por que que a gente não pode ter nojo de gay? No meu universo de referências eu não compreendo nem a razão da pergunta, por que que é uma questão você discutir se é legítimo ou não é legítimo ter nojo, nojo, de gay. Podemos discutir se existe um excesso de patrulha gay na produção cultural, acho que é um debate cabível, se as mulheres feministas exageram, se os gays exageram, tudo isso é debatível, quando você transforma isso numa clivagem para separar pessoas, distinguir pessoas e para qualificar pensamentos, aí eu acho que as coisas vão mal, aí eu acho que as coisas caminham para um lado errado, você incentiva a intolerância.

O conservadorismo no Brasil não se reduz a uma agenda moral, o medo que o motiva se espalha pela experiência social como um todo e produz um desejo generalizado de restauração da ordem. Desde Thomas Hobbes sabemos que a

origem do estado é o medo. O desejo das pessoas por um governo, por uma força central capaz de impedir a guerra de todos contra todos, mostra como o medo tem a força de estabilizar a sociedade por isso o medo é uma afeto manipulado pelos poderes, quanto mais medo mais ordem. Como observa o filósofo Vladimir Safatle, o medo reproduz as condições da espécie humana que produziram a visão religiosa do mundo, essa criação servia para aliviar a insegurança da violência da natureza por meio da criação de figuras de autoridade. A visão religiosa sobrevive na política moderna como o clamor por uma autoridade considerada capaz de pacificar a insegurança fundamental face a desordem das coisas.

Isso é política de 60 mil anos atrás, isso é política de horda, isso é política que quando em crises da ordem da realidade, da violência do mundo, é possível uma regressão a essas estruturas muito, muito, muito originárias da ordem política, o que seria, grupo, território, materialidade psíquica, a projeção paranóica do inimigo, o direito a violência, a gestão autoritária paterna desse grupo, isso é a horda do Freud, é uma regressão a horda.

Jair bolsonaro encarna esse desejo regressivo por uma figura de autoridade, o apelo ao pai tirânico ocorre quando a democracia fracassa, acredita-se então que esse pai possa restaurar a lei perdida, e aceita-se o risco de que em vez de restaurar a lei ele imponha a ordem.

Isso é muito interessante, a ideia de ordem no Brasil, que a ideia de que a ordem é um elemento autoritário exterior a lei, essa que é a ideia, que isso é um problema do Brasil, existe uma ideia de ordem que é um direito direto de áceo política de um certo senhorio sobre a sociedade sem mediação, sem a mediação do pacto social, isso é uma coisa típica do atraso e do aspecto pós colonial brasileiro, que não corresponde ao tipo de integração e processo social do capitalismo liberal da revolução industrial e da relação contratual entre as classes, que mesmo com a violência do capital sobre a vida social tem que ter algumas mediações que são vitais para a reprodução do capital, o nosso tipo de produção e reprodução do capital tem a ver com a escravidão, ou seja, a máxima exploração da mais-valia absoluta, você pode expropriar tudo do Brasil, você pode expropriar tudo do Brasil, a ordem está ligado a isso, de repente um certo setor, ele é mais poderoso do que todas as estrutura de contrato do país, mas isso é a ordem, isso é a ordem. De tempos em tempos, pela fragilidade histórica, emerge essa maluquice.

A lei é universal e igualitária, todos estão submetidos a ela, é a confiança no seu funcionamento que dá a medida da saúde de uma democracia, já a ordem é vertical e autoritária, quem a exerce está acima da lei e não está submetido ao mesmo princípio que impõe aos outros.

Na lenda Freudiana, até então tabu, o pai abusava tanto, tinha um poder tão tirânico, era o mais forte fisicamente, que os filhos se reúnem, percebem que eles juntos podem destituir esse pai, eles matam o pai, e para não caírem num estado de anomia, em que agora é a luta de todos contra todos, eles instituem a lei básica que rege, inclusive, a subjetivação, pode ter acesso a todas as mulheres menos a

mulher do pai, que é a lei que proíbe o incesto. Isso é a fábula Freudiana, porque Freud nem pretende que isso seja exatamente como ele narra, quando o próprio pai se permite coisas que ele proíbe, claro, ele se permite coisas que ele proíbe, ele pode beber, os filhos não podem, ele pode vir mais tarde, até aí, mas você vai poder algum dia quando você crescer, etc, outra coisa é, tem um limite para o seu gozo, você não pode fazer tudo o que você quiser, você não pode nem desobedecer a lei do código civil e nem abusar do seu erotismo, da sua lubricidade, de tudo aquilo que também é próprio desde a infância do humano, quando o pai se torna um pai gozante, um pai que faz, para os outros sim para mim não, a lei vale para os outros mas não vale para mim, ele gera em todos os filhos essa fantasia de "bom, quando eu for poderoso também vou gozar desse jeito".

PARTE FINAL O ESPÓLIO

Junho atirou a primeira pedra, em seguida a exposição das entranhas corrompidas do sistema político abalou os partidos tradicionais de esquerda, centro e direita, o PMDB, símbolo máximo do sistema falido foi o maior derrotado das eleições de 2018, o PSDB naufragou junto as denúncias contra o Aécio Neves e o mais do Mesmo de Geraldo Alckmin, o PT foi percebido por grande parte do eleitorado como o maior vilão do processo, o antipetismo foi um dos afetos decisivos do julgamento popular, em um ciclo de poucos anos, respaldou o impeachment de Dilma Rousseff, a prisão de Lula e a derrota de Fernando Haddad. A rejeição à corrupção foi talvez o mote principal das eleições, a lava-jato foi eficaz em derrubar figurões antes intocáveis e abalar as estruturas corruptas dos poderes, mas é cedo para avaliar os efeitos práticos da operação na cultura do sistema. O congresso teve sua maior renovação desde o começo da redemocratização, muitos dos caciques da política tradicional não se reelegeram, o congresso eleito tem perfil conservador. Houve uma revolução nas campanhas, nem tanto pelo fim do financiamento empresarial, mas sobretudo porque as redes sociais desbancaram a TV como mídia dominante, em um contexto de desconfianças sobre as instituições inclusive a imprensa as mensagens por WhatsApp produzem um efeito de espontaneidade que desarma as pessoas, essa espontaneidade como veio à tona, é em grande parte falsa, regular essa nova mídia é um dos principais desafios políticos do nosso tempo. No fim das contas a democracia liberal no Brasil foi percebida como fracassada e o centro, sua maior expressão, entrou em colapso, os partidos tradicionais de centro, centro-direita e centro-esquerda se viram inviabilizados pelo envolvimento com a corrupção, a esquerda que estava no poder foi demonizada, quem ficou com o espólio foi Jair Bolsonaro, o candidato da direita radical.

